ANO XI / ABRIL 1953 / N.º 104



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
Redactores — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
Proprietário e editor — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
Administrador — JOÃO RABUGE GUERRA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — Beja — Telef. 268

SUMÁRIO

Nas trevas brilhou a Luz — P.e José Ferreira 85

«Cavaleiros de Colombo» — A. Jorge 93

Da Iconografia Cristã... — O Pelicano — A. Teles Pereira ... 97

Mons. Fulton J. Sheen — Fernando Melro 100

O Livro do Mês — José Carlos S. Sousa 106

Pela Imprensa Estrangeira — Hugo de Carvalho — J. 108

Para a Sua Estante — C. 110

Crónica — A. Tavares 111

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA



FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.ª

A casa mais antiga do País no seu género
(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — RUA DO OURO, 166 a 170

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

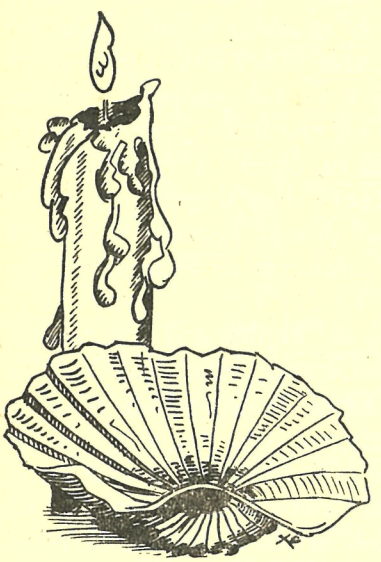
REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14



Nas trevas brilhou a Luz...



Quem há poucos anos atrás lesse no *Liber Sacramentorum do* Em.mo Cardeal D. Schuster, O. S. B., o primeiro capítulo do quarto volume, sob a epígrafe *A «Eucharistia lucernaris»*, sentir-se-ia transportado a um mundo estranho de séculos passados, onde se cruzaria com personagens como S. Jerónimo, o poeta cristão Prudêncio, Etéria da Aquitânia, a peregrina dos lugares santos, Santo Agostinho, S. Paulino de Nola e outros, que falariam dessa vigília da Santa Páscoa do seu tempo, com acentos de entusiasmo invulgar. Qualquer de nós arderia então em desejo de ver ressuscitar com Cristo a Igreja do século XX, no meio de tamanho esplendor e de tanta unção religiosa, como o fizera a Igreja de outros tempos.

E eis que, inesperadamente para a maior parte do mundo, nos chega de Roma, há dois anos, o novo *Ordo Sabbati Sancti,* com a vigília pascal restaurada, ao jeito dos tempos primitivos.

Numa época em que se alvitram tantas actualizações em matéria litúrgica, e em que em tal assunto vão aparecendo experiências mais ou menos felizes, não nos deve passar desapercebido que a primeira grande reforma, certamente bem desejada, mas não esperada talvez, na mente da maior parte, fosse a VIGÍLIA PASCAL.

Porquê? É que ela é o núcleo central do próprio ano litúrgico. O mistério pascal, celebrando actualmente a *acção* redentora de Cristo,

realiza, por isso mesmo, no meio do mundo, a redenção do momento presente; e a vigília é o centro das celebrações pascais.

Está no termo da Quaresma, o grande retiro da Igreja. É a sua conclusão, não tanto para aliviar o peso e o silêncio do trabalho quaresmal, como para recolher o fruto de tão dura e longa sementeira, como se vê no salmo: «os que semeiam nas lágrimas, recolherão na alegria; à ida, vão chorando, enquanto lançam a semente; à volta, virão na alegria, empunhando as gabelas da colheita». (1) A Quaresma tende para a Páscoa; o retiro prepara e reforma; a penitência preludia a reconciliação; a *morte* do homem velho, condiciona a *Ressurreição* do Homem novo. Lê-se no Evangelho: «Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, ficará estéril; mas se morrer, dará muito fruto». (2)

Ora a Igreja, que desde longe vem, em traje de penitente, jazendo na cinza e no cilício, isto é, na humildade e na penitência, peregrinando, como o povo de Israel pelo deserto em busca da terra da Promissão, ou como Jesus, no silêncio da montanha, quarenta dias e quarenta noites na oração e no jejum, a Igreja agora tem desejo veemente, como o Senhor que «teve fome», (3) de comer a Páscoa, de se banquetear, em alegre festim, com Cristo Ressuscitado. (4)

Outrora, o centro de especial interesse da vigília era o Baptismo dos catecumenos, que para ele se preparavam com uma catequese *intensiva* ao longo da Quaresma, embora já antes da Quaresma frequentassem a catequese *ordinária.* Essa esperançosa colheita, a que a Esposa de Cristo dispensava tantos trabalhos e preocupações, ia sair, nessa luminosa vigília, de debaixo da terra, como Cristo das sombras do túmulo e aparecer no meio da assembleia dos cristãos, tenrinhos membros do corpo místico de Jesus.

E com que santo frenesi não esperavam essa hora «da nova criação», (5) em que o Pai das misericórdias «olharia para a face da Sua Igreja e nela multiplicaria o número de seus filhos», (6) aqueles catecúmenos que, ao longo da santa quaresma, de santuário em santuário, tinham vindo a escutar as palavras do Senhor, que lhes anunciavam a

---

(1) Salm. 125, 5-6.
(2) João, XII, 24-25.
(3) Ev. I Dom. Quar.
(4) Cf. Luc. XXII, 15.
(5) Gal. VI, 15.
(6) Bênção das Font. baptism.

grande iluminação baptismal: «Aproximai-vos e sereis iluminados»; (1) «quando eu for santificado no meio de vós, derramarei sobre vós uma água pura e sereis lavados de todas as vossas impurezas e dar-vos-ei um espírito novo»; (2) «vós, que tendes sede, vinde a estas águas; e os que não tendes com que as pagar, vinde e bebei com alegria». (3)

Hoje, os catecúmenos ainda não estão reorganizados, embora, na realidade, não faltem. Mas a vigília pascal foi restaurada. É que ela não interessa sòmente aos catecúmenos. É aos cristãos todos que a Igreja convida a estar *vigilantes* e a *ressucitar* de novo. Já um dia fomos catecúmenos, talvez menos tempo, prouvera a Deus!, do que uma Quaresma, e fomos baptizados, ressuscitando assim «da água e do Espírito Santo», (4) um dia que foi a nossa Páscoa. Essa graça baptismal atingiu-nos de tal maneira a alma que nunca mais deixaremos de ser filhos de Deus, membros de Cristo. Temos para todo o sempre o selo de cristãos, que é o *carácter* baptismal. Mas como S. Paulo escrevia a Timóteo «*ressuscita* a graça que em ti está, que te foi dada pela ordenação sacerdotal», (5) assim a nós a Igreja nos manda *renovar* a graça que em nós está, que nos foi dada pelo Santo Baptismo. A vigília pascal, em que alguns, certamente poucos, serão baptizados, é, para todos os cristãos o momento de *renovar* o seu Baptismo. E aí temos, no cerimonial da *Vigília pascal restaurada,* a

SOLENE RENOVAÇÃO DAS PROMESSAS DO BAPTISMO.

O Baptismo foi a nossa Páscoa; a Páscoa é o aniversário do nosso Baptismo, mas o aniversário colectivo da Igreja toda. É a festa da sua *libertação.* Não é, pois, o Baptismo dos catecúmenos o motivo único da santa vigília. Esta justifica-se por si mesma e pela necessidade que dela têm os já cristãos. Ela é a grande expectativa da Ressurreição do Senhor, do regresso de Cristo das regiões da morte, da subida gloriosa do triunfador de Satan e do seu reino e de todas as forças do seu império, a morte e o pecado que lhe foi causa; é a certeza e o penhor de que a obra de Jesus não falhou, de que o calvário e o Sepulcro não

(1) Grad. IV feir. IV Sem.
(2) Ild. intr.
(3) Intr. Sab. IV Sem.
(4) João, III, 5.
(5) Cfr. II Timot., I, 6.

foram o trágico fim duma grande esperança, mas o último golpe duma grande batalha e que a Redenção, por Cristo, vem *agora* a todos os homens que para Ele se voltam.

Por isso, a vigília pascal, celebrando a Ressurreição de Jesus, é a Ressurreição de toda a Igreja; Ressurreição pela Fé, que de novo se ateia; pela renovação quente, ardorosa e entusiasmada das promessas baptismais; pelo sacrifício eucarístico, que renova o próprio sacrifício redentor de Jesus; pela consciência e pela certeza que em nós faz renascer de que a vida nova trazida por Cristo ressuscitado é a Vida Verdadeira, a que faz o homem digno de toda a esta palavra, tão superior à vida puramente humana, quanto o novo Adão é superior ao antigo, quanto o que nasce de Deus está acima do que nasce do homem. Razão tem a Esposa de Cristo para a celebrar como a primeira das suas solenidades.

O facto de termos recebido o Baptismo em criança, de termos sido catecúmenos inconscientes, fez com que também inconscientemente tenhamos recebido o santo sacramento da iniciação cristã. É, pois, de todo o ponto útil, senão necessário, que um dia, chegados a idade adulta, nos compenetremos do que foi para nós esse momento, da vida que abraçamos, daquela a que renunciamos, das exigências e glórias que daí resultam.

Não existia até agora um determinado momento oficial, público e colectivo para o cristão reafirmar, em alta voz, perante Deus e a Igreja, a sua adesão a Cristo e ao Seu Corpo Místico, que afirmou no dia do Santo Baptismo. A necessidade, porém, deste momento fizera sentir-se desde há muito, principalmente depois que a sociedade descristianizada não tomava por si, como outrora fizera, a defesa da consciência cristã em cada indivíduo. Obviou-se a esta necessidade com a cerimónia da *profissão de fé,* acto que tem estado junto com a chamada comunhão solene. E certamente com algum resultado. A experiência, no entanto, demonstra que a idade requerida para a profissão de fé não é, na maior parte dos casos, suficiente para que aquele compromisso possa significar muito na alma das crianças. — Não se fala já no facto, infelizmente mais do que vulgar, de a profissão de fé se fazer mecânica e inconscientemente, por respostas determinadas a determinadas perguntas, como prèviamente foi ensaiado — . Era, pois, necessário que o homem adulto fizesse a sua profissão de Fé católica. E esse momento chegou. A vigília restaurada insere-a no seu cerimonial, profissão de

Fé, não sòmente de cada indivíduo mas da Igreja toda inteira, na sua catolicidade. A solene renovação das promessas baptismais na vigília pascal é uma atitude de *todos os fieis,* da *Igreja como tal,* e deve ser o primeiro grito saido da sua boca, após o silêncio e o retiro quaresmal. É, portanto, um gesto preparado, um momento *vivido,* uma atitude *que define um futuro.*

A própria exortação que o sacerdote dirige aos cristãos antes da renovação afirma que ela se faz, «uma vez terminados os exercícios da Quaresma». (1) Não é um diálogo de palavras improvisadas, mas uma autêntica ressurreição no espírito, para a qual nos preparamos com a morte do «velho homem com os seus actos». (2) É uma *conversio,* segundo a antiga significação do vocábulo, um *regresso,* como o do pródigo, um *reencontro* como o de Madalena ou o de Pedro e João, na madrugada da Ressurreição. Como não orientar para esse momento todo o trabalho ascético da santa Quaresma?

Mas eis que chega o momento. Vai tocando o seu termo, o Sábado, o grande sábado, isto é, o repouso. Como, depois da primeira criação, «o Senhor descansou, no sétimo dia de todo o trabalho que realizara, (3) assim agora, após a segunda criação, que é a restauração da primeira, o Filho do homem descansa da Sua obra gigantesca, no silêncio e na escuridão da terra.

Há, no Sábado Santo actual, uma quietude como a que vai pelos campos depois da sementeira; sente-se a vida a querer brotar. O ofício divino fala de Paz, «in Pace», (4) como os grafitos das catacumbas. Pressente-se um grito de vitória! «O' morte, serei a tua morte». (5) Mas por agora é ainda o luto: «Jerusalém, despe as tuas vestes de alegria, porque em ti foi morto o Salvador de Israel». (6) O Esposo foi arrebatado». (7) E quando Cristo desaparece do meio dos homens, crescem as trevas.

---

(1) Rit. Renovação Sab. Santo.
(2) Col. III, 10.
(3) Gen. II, 3.
(4) 1.ª antif. de mat. de Sab. Sancto.
(5) 1.ª antif. de Laud. de Sab. Santo.
(6) 2.º resp. de Mat. Sab. Santo.
(7) Mat. IX, 15.

É noite cerrada! Vai começar a grande vigília. A Igreja, como Madalena, não pode dormir. «Redamando vigilat», (1) está de vela, porque O ama.

O MISTÉRIO DA LUZ. Como na primeira criação, «fiat lux». (2) É a luz que primeiro vai aparecer. Da pedra que é Cristo, (3) «pedra angular» (4) da sua Igreja sai o lume novo, que a bênção do sacerdote sagrará!

Dele se alumia o Círio, Cristo glorioso e resplandecente no triunfo da Sua Ressurreição! Guiada por essa «coluna de fogo», a Igreja penetra no templo. E à maneira que o círio prossegue, as trevas, sementeira de Satanás, recuam e fogem. A luz derrama-se em volta como um contágio na vela do celebrante, dos ministros sagrados e do clero, do «povo santo de Deus», nas lâmpadas e pelas paredes do templo; «fit lumen infinitum», diria Etéria. (5) É o mistério da luz, daquela «que ilumina todo o homem», (6) que «não conhece ocaso». (7) É o mesmo significado da luz do Natal, então vindo do céu à terra para iluminar os homens a quem vinha salvar; agora, surgindo da terra para o céu, na glória fulgente da salvação já realizada!

Canta-se o louvor do Círio, louvor de Cristo ressuscitado. Ouve-se a última catequese: foi admirável a primeira criação; é mais admirável ainda a segunda, (1.ª leit.); o Senhor salvou o seu povo pelo mistério da água (2.ª leit.); o Salvador é Cristo, «o resto de Israel», que brotou como flor de graça e santidade no meio de um povo incrédulo (3.ª leit.); vamos entrar na terra da Promessa, o reino de Deus, a Igreja; a lei do Senhor será d'ora-avante a nossa luz e o nosso guia (4.ª leit.).

O MISTÉRIO DA ÁGUA — A sagrada vigília prossegue. Chama-se em testemunha toda a Igreja triunfante. É soleníssimo o momento! Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, a Santíssima Virgem Maria e todos os santos estão presentes! Faz-se a bênção das fontes baptismais, que

---

(1) Exort. antes da Renovação-Sab. Santo.
(2) Jen. I, 3; I leit. da vigília.
(3) Cfr. I Cor. X, 4.
(4) Efes. II, 20 e alibi.
(5) Peregr. Etheriae 24, 9.
(6) João, I, 9.
(7) Exultet.

serão, por graça do céu, «o seio imaculado donde surgirá, qual nova criação, uma raça celeste». (1) Como «no princípio, quando Deus criou o céu e a terra», o Espírito paira sobre a água, infundindo-lhe o poder de regenerar. «Ex aqua et Spiritu Sancto»! (2)

Se há catecúmenos, é o momento da grande iluminação, é a hora do Baptismo.

Mas, como estas considerações são antes para os já baptizados, passemos, sem mais comentário esse momento de milagre!

A NOSSA RENOVAÇÃO. Chegou a nossa hora. Não se repete o milagre do momento em que fomos baptizados. Deus não volta atrás nas Suas obras. Nós é que voltamos atrás e precisamos de regressar. E é o momento.

Na presença do céu, que acabamos de invocar, e da terra inteira, que espera, ela também, a revelação dos filhos de Deus, (3) diante do Círio, figura de Cristo, que arde no meio da assembleia e a quem o sacerdote tributa a honra do incenso, no meio dum mar de luz, que nos veio do Círio, de pé, como nos grandes momentos, depois de breve exortação, repassada da doutrina de S. Paulo sobre a teologia da morte para o pecado e da ressurreição para Deus, à semelhança de Cristo, três vezes afirmamos *renunciar* a Satan, e três vezes pronunciamos *a nossa Fé* em Deus, Criador, Redentor, Santificador, e na Santa Igreja, nossa Mãe.

Como que de novo nascidos para a vida de Deus, ressuscitados, enfim, com Cristo, exclamamos, com novo direito, como na hora do nosso Baptismo: «Pai nosso, que estais no céu!...» É o primeiro sorriso do filho recém-nascido.

O sacerdote pronuncia agora a mesma oração que acompanhou outrora a unção com o santo Crisma, logo após o Baptismo, pedindo a Deus que confirme com a Sua graça as nossas promessas. E espalha sobre todos daquela água que acabou de benzer, para que ela acorde em nós a graça daquela outra água, que há poucos ou há muitos anos

---

(1) Bênção das fontes baptismais.
(2) João III, 5.
(3) Rom. VIII, 19.

atrás nos libertou do reino do pecado e nos entregou ao «reino da santidade e da graça». (1)

Passou o tempo do luto e das lágrimas, passou o tempo das dores, e como a mulher, que deu à luz que, depois de ter o seu filho nos braços, já não mais se recorda das dores passadas, para só se encantar com o fruto das suas entranhas, (2) assim a Igreja toda ela agora se revê nos seus filhos que de novo lhe nasceram. «Imaculada, sem mancha, nem ruga», (3) sempre Virgem e cada vez mais mãe dos filhos que Deus lhe multiplica (4) ou lhe remoça, Ela pode, nesta noite santíssima, oferecer o sacrifício de Cristo, com direito novo! Antes, porém, a ladaínha continua pedindo a Deus que não venha a tornar-se inútil o trabalho de Cristo e da Igreja. «Livrai-nos, Senhor! Nós Vo-lo rogamos»! Mas eis que o divino Ressuscitado vai aparecer.

MISTÉRIO DE FÉ. Missa da Ressurreição, da Ressurreição de Cristo (Evang.) e da Igreja, (Epist.) . Acção de Graças da terra libertada! Alleluia! Cântico imenso, universal, que sobe até ao coração do Pai, pela própria boca de Seu Filho! «Esta é a noite de que está escrito: «A noite iluminar-se-á como o dia; a noite será ela mesma a minha luz, no meio das minhas delícias». (5) Este é o momento que, de há muito, o ofício divino diàriamente nos anunciara: «Dia virá, o Teu dia, em que tudo voltará a florir». (6) Agora se torna real o voto de S. Tomás de Aquino: «Nova sin omnia, que tudo seja novo, o coração, a voz e as obras». (7)

«Deitai fora o velho fermento; sede uma massa nova». (8) E que «novos pela graça, cantemos um cântico novo: Alleluia». (9)

P. JOSÉ FERREIRA

---

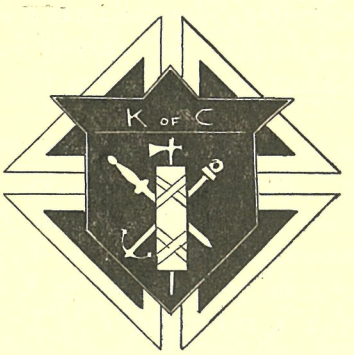
(1) Pref. de Cristo Rei.
(2) Cfr. João, XVI, 21.
(3) Efes. IV, 27.
(4) Cfr. Bênção das fontes baptismais.
(5) Exultet.
(6) Hino de Lauds da Quaresma.
(7) Hino de Mat. Corpus Christi.
(8) Epist. do Dia.
(9) Hino de Laudes da Quaresma.

«Cavaleiros de Colombo»

Como a grande maioria do clero norte-americano, o P.e Michael Mc Givney seria descendente de irlandeses e paroquiava no Connecticut.

Tinha compreendido a necessidade de os homens se reunirem em agrupamentos particulares para triunfarem na Sociedade Americana dos fins do séc. XIX. Verificava ao mesmo tempo como as inúmeras Sociedades neutras ou tendenciosas que pululavam na região atraíam os seus católicos. E decidiu dar realização a um sonho que de há muito acalentava: organizar num ambiente cristão, os seus paroquianos de Santa Maria, em New Haven.

Em 9 de Janeiro de 1882 reuniu no Cartório um pequeno núcleo de rapazes a quem explicou genèricamente os seus planos. E a 2 de Fevereiro do mesmo ano efectuava-se a primeira reunião, onde decidiram, entre outras coisas, tomar o nome de Cavaleiros de Colombo, ao que consta porque nessa altura os católicos americanos dirigiam uma campanha vigorosa pela beatificação de Cristóvão Colombo.



Da Carta enviada aos poderes públicos pedindo a aprovação jurídica extraímos as finalidades da nova organização:

1) auxílio financeiro aos membros e suas famílias;

2) garantir a assistência mútua aos membros doentes ou inutilizados;

3) promover entre os membros intercâmbio social-cultural na medida em que tal parecer desejável e conveniente;

4) fomentar e levar a efeito campanhas de educação, caridade, instrução religiosa, bem-estar social, socorro às vítimas da guerra e assistência pública.

Como se pode verificar era uma obra tìpicamente americana onde não

faltavam o bom senso e o sentido económico a dar-lhe leve tom de Associação de socorros mútuos. Mas temos de a compreender integrada no ambiente da sua época.

A moderna colonização da América do Norte começou a ser feita quase exclusivamente por protestantes refugiados da Europa, que ali tinham ido procurar um pouco de sossego e tranquilidade. Assim, não é de estranhar que no início da emigração católica da Irlanda e países latinos se verificasse uma certa oposição.

Os Cavaleiros de Colombo eram antes de mais nada uma organização de segurança, criada para garantir aos membros possibilidades de triunfar numa sociedade adversa. E não terão influído pouco no alto apreço em que hoje é tida em conta perante os seus compatriotas, a população católica dos Estados Unidos.

Outra nota que hoje nos impressiona é a ausência quase absoluta de espírito de conquista. Estávamos no séc. XIX, ainda muito longe das preocupações apostólicas de nossos dias.

No entanto, sob o lema da Caridade, União, Fraternidade e Patriotismo, a organização desenvolvia-se prodigiosamente, à medida que os continuadores saíam dos limites individualistas dos primeiros anos. Lançando-se em grandes campanhas de beneficência, contribuíam assim, indirectamente para o Saneamento de meios tão pouco afeitos às realidades espirituais.

Pelos vistos os Cavaleiros de Colombo são uma organização financeira de primeira ordem. Percorrendo ao acaso as 32 páginas de brochura curiosa editada com fins de divulgação, (1) descobrimos a todo o momento somas consideráveis da casa dos milhares de dólares, como 60.000 para a construção de um Ginásio na Universidade Católica de Washington e 35.000 para a restauração da Universidade de Lovaina, em 1920.

Não têm fim os subsídios a vítimas da guerra, de inundações, tufões e terramotos.

Em 1937 criaram o fundo de um milhão de dólares para uma campanha vigorosa de protesto contra a perseguição religiosa no México. E seria inútil estar com mais pormenores concretos. Emissoras católicas, Serviços de Emigração e de Correspondência durante as últimas guerras mundiais, a tudo chega a generosidade inesgotável dos Cavaleiros americanos.

(1) These 800.000 Men they call «Knights».

*
* *

Apesar de tudo, este aspecto não é hoje o principal.

As campanhas dos últimos anos têm convergido num esforço gigantesco de formação cristã. O estilo e a maneira de as conduzir são tìpicamente americanas, no sentido do optimismo e do bom senso.

As facilidades que lhes advêm do número e da elevada posição social de alguns dirigentes, conseguem-lhes autênticas maravilhas.

Assim, em Janeiro de 1948, o Conselho Supremo da Direcção decidiu lançar uma primeira fase do programa, a título de experiência. Utilizaram uma série de órgãos da imprensa com a tiragem global de 15.000.000 de exemplares nos Estados Unidos e de 1.500.000 no Canadá.

Lançavam-se seis perguntas do maior interesse e ofereciam-se os esclarecimentos necessários. Algumas das perguntas: «Ouvem-se coisas estranhas a respeito dos Católicos...»; «Para sermos cristãos é preciso ir à Igreja?»; «A Bíblia é um livro católico».

Os resultados excederam a espectativa. Chegaram-lhes mais de 150.000 pedidos de esclarecimentos sobre alguns dos pontos apresentados.

Nos anos seguintes repetiram a experiência. Os assuntos estavam maravilhosamente adaptados às necessidades reais das populações indiferentes — «Senhor, ensinai-nos a orar»; «Que nos acontece depois da morte?»; «Acreditar em Deus não é tudo»; «O Verdadeiro segredo de um casamento feliz...» etc., etc..

Organizaram uma série de panfletos muito acessíveis enviando-os a quem quer que os peça. Precisamente na contra-capa de qualquer deles vêm expressas todas estas facilidades:

«Aprenda tudo sobre a Igreja Católica — pelo Correio — e de graça — você pode instruir-se na fé e no culto católicos sem precisar de sair do ambiente recolhido de sua casa. Basta enviar-nos o nome e direcção indicando o que deseja conhecer sobre a Igreja. Nós enviar-lhe-emos um interessante curso, simples e completo. ...Tudo isto é gratuito e sem compromissos...»

Os livros que seguem pelo Correio são uma maravilha de simplicidade. Com argumentos acessíveis a todas as inteligências dão uma resposta a tudo aquilo de que necessita hoje em dia o homem normal. Sobretudo despertam-lhe a consciência para o facto religioso, deixando-lhe a sede de conhecer...

Nestas campanhas aproveitam-se todos os recursos de uma técnica

avançada. A nós choca-nos um pouco ver entre os anúncios luminosos de Brooklin ou da Broadway, ao lado de um sorriso optimista ultra-americano a mascar «chewing-gum», duas palavras tão expressivas: «Jesus salva». Pois estes cartazes luminosos e de cores berrantes dizem-nos até onde chegam estas Campanhas de instrução religiosa. Os Cavaleiros de Colombo servem-se de todos os meios: panfletos, circulares, anúncios nos cinemas e nos meios de transporte. Assim conseguem atingir massas consideráveis, que de outra forma nunca se teriam posto o problema religioso.

*
* *

Não serão uma sociedade impecável... precisamente porque onde houver homens haverá sempre o imperfeito... mas a sua influência tem sido salutar na formação de uma mentalidade católica entre os americanos. Por sinal um preconceito com que têm batalhado incansàvelmente é a convicção outrora muito espalhada de que o católico não podia ser bom cidadão. Os cavaleiros aceitaram a vida, integraram-se perfeitamente na maneira de ser americana e mostraram com obras como se não opunham Catolicismo e interesses nacionais. Em muitos dos seus opúsculos aparece com frequência a pergunta sacramental: «Um bom católico pode ser democrata? Pode ser-se bom cristão e bom patriota?».

Talvez o seu maior defeito esteja num conservantismo demasiado. Num país onde a Igreja tem problemas graves a resolver tais como a questão racial, os Cavaleiros não seguem na vanguarda. São amantes da ordem e dos poderes estabelecidos...

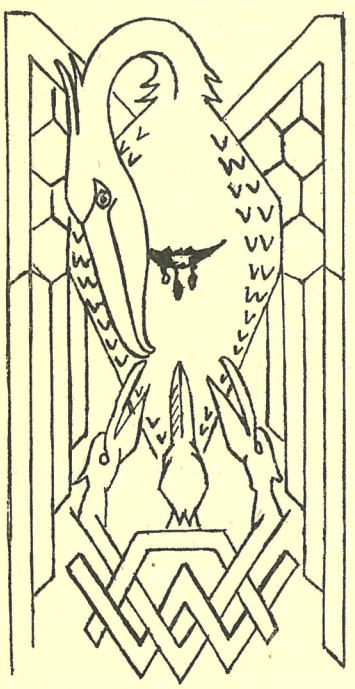
Finalmente, num país onde a aristocracia é tida em menor conta, surgem-nos os Cavaleiros divididos em quatro graus, senhores respeitáveis, ciosos dos seus títulos... Apesar disso, todos são precisos. Como se dizia há pouco numa revista francesa, (1) «para mais se assemelharem às Grandes Ordens da Cavalaria mais não falta aos Cavaleiros de Colombo, ordem caritativa, eficaz e próspera, que o baptismo de sangue do martírio». Mas esperemos, que ele virá a seu tempo, purificador de todas as obras de Deus.

A. JORGE

---

(1) «Ecclesia-Lectures Chrétiennes», Jan. 1953, n.º 46.

Da Iconografia Cristã...



O PELICANO

É este um caso curioso da transposição para o plano artístico e litúrgico da mentalidade que, durante muito tempo, vêem no pelicano a concretização do amor materno.

Resultou isto, todavia, da observação incompleta de como, entre tais aves, a fêmea alimenta os filhos.

Quando pequenitos, é ela que lhes dá a comida armazenada numa bolsa membranosa que lhe pende da mandíbula inferior. Sendo já mais crescidos, são eles mesmos, que metendo o bico e a cabecita pela faringe materna, tiram o alimento que podem, causando assim um espectáculo impressionante, segundo dizem os naturalistas. (1)

Por este motivo e pela interpretação errada que teve, julgaram os antigos, que os pelicanos espetavam o bico no peito da mãe. Daqui pois, o fazer-se do Pelicano o símbolo da abnegação materna que chegava a ponto de abrir o peito com o bico para nutrir com o sangue a sua prole, se porventura lhes faltava comida.

De si mesmo é uma figura estranha e melancólica, e quando o salmista inspirado diz no salmo CI: «Tornei-me semelhante ao pelicano do deserto...» é significativa e veemente a sua expressão de tristeza. (2)

---

(1) História Natural — Instituto Gallach — tomo I — pág. 264.
(2) La Zoologia nella Bíblia — Loretta — pág. 373 cf. La Sainte Bible (Pirot) tomo V — pág. 537.

Devido a ser, em geral, de cor branca e à lenda referida, foi tomado, pelos artistas, como símbolo, também, da inocência do Homem-Deus, da Sagrada Eucaristia, da Paixão do Senhor (1), e Santo Agostinho comentando o citado salmo escreveu estas palavras, que mostram quanto aquela analogia é perfeita: «Há quem diga que estas aves matam os filhos às bicadas, e tendo-os morto no ninho, choram-nos durante três dias. No último, dizem que a mãe se fere a si mesma gravemente e derrama o seu sangue por cima dos filhos que, banhados com ele, revivescem. Talvez isto seja verdade ou talvez seja falso; contudo, se é verdade, vede, como se aplica Àquele que nos vivificou com o Seu sangue». (2)

O mesmo pensamento parece ter seguido S. Tomás, quando, inspirando-se neste tema que na Idade Média teve enorme incremento, juntou esta, às outras belas estrofes do hino «Adoro Te devote»:

«Pie Pellicane, Jesu Domine,
Me immundum munda, tuo sanguine
Cujus una stilla salvum facere
Totum mundum quit ab omni scelere».

É interessante e ao mesmo tempo parecido com o de Santo Agostinho o depoimento de Epifânio, bispo de Constância (1588), no livro Physiologus: «a fêmea, ao acariciar os filhos, fere-os no peito e eles sangram e morrem. Após três dias chega o macho e ao encontrá-los mortos, fere-se no peito com o bico, põe-se por cima das feridas dos mortos, e o seu sangue ao penetrar por eles dá-lhes de novo a vida». (3)

Como se vê, embora haja divergências acidentais, todos concordam quanto à substância lendária, mas esta porém, estritamente considerada carece de todo o fundamento.

Existe uma outra lenda, por sinal maometana, que diz terem os pelicanos transportado água, na bolsa membranosa de que se falou, durante a construção da Kaaba de Meka, para os trabalhadores.

Como as anteriores, também esta se pode colocar no mesmo plano de igualdade dos pseudo milagres de Maomé...

---

(1) Dictionaire dum Symbolisme (Benedictines de S. Louis du Temple) pág. 83.
(2) Migne P. L. XXXVII — col. 1299.
(3) Enciclopedia Universal Ilustrada — Espasa — tomo XLIII — pág. 54.

Tendo-se portanto em conta a base falsa em que se coloca o problema, não é de estranhar a facilidade com que se passou à plástica. Quando, porém, se deu esta transposição e seu consequente aparecimento no espaço e no tempo, é difícil responder, e ter-se-á, mesmo, de confessar, que na primitiva iconografia cristã consignada nas Catacumbas, não existe este símbolo, mas apenas se encontrou em AKNIM — cidade do Alto Egipto — , uma bracelete com este desenho marchetado, e, segundo se julga, do sec. IV. (1)

Hoje, porém, apesar das dificuldades em o estilizar, é corrente encontrar-se nas alfaias litúrgicas e ainda bem, porque está lògicamente aplicado a Cristo Jesus. O Senhor classificou o seu amor pelos homens e nomeadamente pela infiel Jerusalém, como o da galinha que, aninhando os filhos debaixo das asas, os abriga, os defende, os aquece e acaricia. (2) E além de nos ter lavado no seu sangue precioso «de que uma só gota bastava para lavar o mundo inteiro de qualquer pecado», (3) deixou-se ficar ainda na terra para alimento das almas.

A. TELES PEREIRA

---

(1) Dictionaire d'Archeologie vol. I — col. 1042. Dictionaire d'Archeologie vol. XIV — col. 176.
(2) Mateus XXIII-37.
(3) S. Tomás hino «Adoro te devote».

Grandes Figuras do Catolicismo



Mons. Fulton J. Sheen

Que a civilização ocidental corre o lamentável perigo de sucumbir é verdade que todos reconhecem. O que, por vezes, não se tem coragem de afirmar é que a supremacia do Ocidente sucumbe por suicídio.

Tudo o que a Europa, através de séculos, aprendeu; as forças espirituais que a libertaram das decadências do Império Romano e que, a despeito da barbárie invasora, lhe deram a possibilidade de se colocar sob a hegemonia do Espírito; as virtudes por ela aprendidas nas páginas do Evangelho; a dignidade da pessoa humana, livre e com esperanças eternas; a recta ordenação dos valores morais, sociais e espirituais; tudo o que lhe permitiu chamar-se civilização cristã por ela foi renegado. Mas, atraiçoando o Cristianismo, de si mesma foi traidora. Nasceu-lhe no próprio seio o poderoso inimigo que se aproxima a Oriente. O comunismo é filho da Europa, pecadora contra os seus destinos por uma gestação de filosofias laicizantes e desvios morais que, lògicamente, se tornaram o veneno da sua condenação. O desnorteamento começado, em 1517, na praça pública de Wittemberg arrastou a Europa a este presente estado de rendição confrangedora. A própria resistência que ela procura opor ao Kremlin, o armamento rápido, o treino dos exércitos, a união das políticas exigem-lhe a entrega nas mãos de outro seu

filho bastardo que lhe aproveita os sintomas de agonia para se apoderar da prepotência universal — o americanismo.

O pior mal é que não é uma civilização a procurar substituir outra. Nem a Rússia, nem os Estados Unidos possuem civilizações verdadeiras, naquele sentido que, por exemplo Jacques Maritain nos dá fazendo do civilizar sinónimo de espiritualizar. Bem diz o Dr. João Ameal em «A Europa e os seus Fantasmas»: — «Tanto a plutocracia yankee como a tecnocracia eslava negam por completo os direitos e a autonomia da personalidade humana». O progresso alcançado quer pelos planos quinquenais de Além-Dniester, quer pela ditadura dos «Trusts» de Além-Atlântico (ainda que os primeiros nos deem, em estatística, um automóvel para quatrocentas e tantas pessoas, e os segundos apresentem quase o contrário...) levam a igual negação dos valores espirituais. Triunfem os U. S. A. ou a U. R. S. S., que, não se conseguindo impor-lhes uma civilização, o mundo cairá num estado ante-diluviano.

Para os pessimistas a situação é de cruzar os braços. Mas não é tal a posição requerida para salvar o Mundo. Há que civilizar pela maneira como o fizeram nossos antepassados: cristianizando, erguendo a cruz mais alto do que a espada. Se importa não confundir Cristianismo com determinada civilização, mais ainda convém que se aponte a impossiblidade de plena civilização sem Cristianismo.

Os americanos, aliás, reconhecem a urgente necessidade de transformar o seu progresso num corpo com alma. Chamam às suas universidades, grandes Mestres europeus, procuram àvidamente as raridades artísticas, compram tudo o que, de algum modo, lhes leve a experiência duma civilização secular e cristã. Os próprios dirigentes políticos sentem e proclamam a necessidade de assentar toda a vida da Nação sobre o ideal religioso.

*

* *

Mons. Fulton John Sheen — eleito, em Junho de 1951, Bispo in partibus de Cesarea Augusta e Auxiliar do Cardeal Spelman — é um pioneiro da civilização nos Estados Unidos, como o foi na Inglaterra Santo Agostinho de Cantuária. Uma simples diferença de datas, condições e métodos na pregação da mesma e única doutrina civilizadora.

O Bispo Auxiliar de Nova-Iorque é-nos apresentado em certos «Reader's Digests» como um «Telegénico», ou «o maior actor dos nossos dias». Fulton Sheen é muito mais que isso; é mesmo o contrário de

actor. Os gestos expressivos, a figura elegante, o sorriso natural dão-lhe, de facto, um dos maiores triunfos (se não o maior!) alcançados nos Estúdios de Du Mont. Mas isto é porque tais gestos adornam uma palavra que tem convertido multidões, porque tal figura é a dum continuador dos Doze, porque através de tal sorriso muitos alcançaram a Verdade de que andavam tergiversantes.

Ainda que optimista, Mons. Fulton Sheen olha para o futuro como para um campo de batalha. Dois exércitos em frente: o dos que seguem os Evangelhos de Cristo e o dos que leem pelo manifesto de Marx e Engels («aqueles ensinando-lhes que a felicidade tem origem no viver segundo a justiça; este, apenas, que a infelicidade tem origem no operar injustamente»); um que vem à luta para construir, outro para derrubar; «a Praça Branca» e a «Praça Vermelha»; Roma e Moscovo; Cristo e o Anti-Cristo. A luta começou a travar-se «entre Deus que se fez homem e o homem que se faz Deus». E ele clama dos púlpitos, nos estúdios e através da Imprensa: — «A crise contemporânea é uma crise espiritual. Rezai pela Rússia. Hoje não podereis fazer coisa tão útil para que o mundo volte à paz» — «O comunismo — diz ele — é uma religião para destruir uma religião, ou melhor, uma política que se apresente como religião e dê a César aquilo que é de Deus».

Como Pedro-o-Eremita, no Séc. XI, Fulton Sheen vai preparando a América para a Nova Cruzada do Séc. XX: a da Cruz traçada, não já sobre os escudos, mas dentro dos corações. O mundo caminha, inevitàvelmente, para essa batalha apocalíptica. Porque a vitória será de Cristo, é preciso pôr-se do seu lado. Os indiferentes, tem-nos Cristo como adversários: «Quem não é por mim é contra mim».

Eis em que se resume a espantosa actividade de Fulton Sheen. O povo americano, nascido de uma amálgama de todas as raças europeias, herdou dos seus ancestrais as consequências do desprezo por Deus. Filhos duma civilização que se diz cristã, fracassaram nos problemas que a História lhes impôs e que no Cristianismo encontrariam a conveniente solução. Que é o espírito, o homem, a liberdade? — O espírito, atrofiaram-no as técnicas e as riquezas; o homem foi totalmente subordinado ao Estado; da liberdade fizeram simples prerrogativa social. Um fracasso exportado por nações dum cristianismo tradicional mas gafado pela laicização da Idade Contemporânea.

É urgente, pois, ensinar-lhes a conhecer um Cristo diferente desse que o seu materialismo admira sem adorar; levar-lhes um Deus diverso

do seu Deus que ou se submete à democracia ou é condenado a não existir. Para isto é que o nome de Fulton Sheen encima livros de vulgarização («Peace of Soul», «Lift Up Your Heart», «The World's First Love», etc.), obras de exaustivos conhecimentos sociais, filosóficos e teológicos («God and Intelligence», «The Philosophy of Religion», «Communism and Occidental Conscience», etc.), artigos em quaisquer jornais e revistas; para isto é que ele fala pela rádio desde há 20 anos, surge nos pequenos rectângulos da televisão, prega nos púlpitos de todas as igrejas, passa diàriamente várias horas na catequização particular de pessoas das mais diversas categorias e ideias.

*

* *

Das várias Universidades por que se formou, uma foi, de facto, a grande mestra do seu pensamento: Lovaina. O espírito desta Escola impregnou-o de solidez escolástica, de omnímoda e sã visão da actualidade, do ideal das encíclicas sociais. Lá, acompanhou ele o suicídio lento da velha civilização europeia. Tal como à infeliz mulher que lhe apareceu no momento em que, desesperada, buscava a morte, deu as mãos à civilização ocidental e propôs-se catequizar-lhe, de novo, a Lei esquecida.

Fulton Sheen conhece, pois, o Velho e o Novo Mundo. Sabe que muitos americanos — crianças no meio de brinquedos — não descobriram, ainda, que a realidade vai além do arranha-céus, do cinema e do basebol. Seguem o mais conveniente, e daí o seu filósofo William James achar interessante dizer: — «aquilo que mais nos convenha acreditar —eis o que bastante se parece com uma definição da Verdade». Mas Fulton Sheen sabe igualmente que tal infantilismo é outra forma da senilidade em que vai caindo a civilização sem Cristo. Sabe que o optimismo leviano do seu povo ganha raízes nas mesmas causas do pessimismo europeu, que do seu pragmatismo foram batedores Lacke e Rousseau. Estes, Lutero, Calvino, Descartes contribuiram tanto ou mais que William James, Monroe, Roosevelt para a construção do Império Americano.

A todas estas influências urge opor a de Cristo. «O mundo moderno está cheio de antigas virtudes cristãs que enlouqueceram» diz Chesterton; e na América isso se verifica melhor que noutra parte porque lhe falta a defesa dum senso secular.

*

* *

Embora admirando o «Monsenhor que mais conversões vem fazendo nos Estados Unidos», alguns americanos reprovam-lhe que não haja elaborado estatísticas dos seus convertidos. No mundo yankee,, a estatística e o «bill of rights» (direito de voto) são coisas mais imprescindíveis que o «five-o'clock's tea» para o saxónico.

«Eu não converto ninguém — responde-lhes Fulton Sheen — Só a graça de Deus converte. Seria blasfêmia assinar o meu nome no trabalho que Deus faz. Aliás, se tivesse registos de convertidos, sofreria a tentação de pensar que fui eu que os converti. Perderia toda a influência nas almas». E ainda: «Nós, os sacerdotes, apenas somos jardineiros de Deus; Deus é que lança à terra a semente».

É, de facto, a graça que trabalha por ele, porque também o fogo de Deus arde nele de tal modo que, como S. Paulo, já não é o homem a operar mas o próprio Cristo.

Escandalizam-nos certas maneiras de agir dos meios católicos americanos. O fazer-se, por exemplo, um Congresso de Superiores Religiosos pondo a circular, entre os congressistas, guias humorísticos, e dando ao fim, como uma das conclusões, a resolução de orientar a governação das comunidades segundo «normas democráticas», é caso para cofiarmos as barbas da nossa experiência multissecular.

Problema, afinal, gravíssimo para os responsáveis da Igreja, na América. O cristão não pode contemporizar com o mundo, porque ser cristão é ser e agir como transeúnte desta vida para a eternidade. Mas também a Igreja não vive separada, extemporaneamente, do mundo.

A solução apresenta-a Mons. Fulton Sheen — «A mediocridade e o compromisso caracterizam a vida de muitos cristãos; a tal ponto que mais são influenciados pelo mundo do que seus inspiradores». — Serem inspiradores e não influenciados eis a posição dos cristãos perante o mundo.

Graças a Deus, nos Estados Unidos o esforço católico avança para a realidade plena desta regra.

Para isto é que o incansável Bispo se faz escritor, pregador, catequista, conferencista, director de almas; para isto dedica todo o esforço à direcção da gigantesca Obra da Propagação da Fé, em todos os Estados Unidos. A sua voz é ouvida com tal respeito que se chega a parar o trânsito da Quinta-Avenida para lhe escutarem o Sermão de Sexta-Feira Santa. 30 estações de Rádio e Televisão transmitem o seu programa cristãmente intitulado: «Vale a pena viver».

*

* *

Estamos a lembrar a sua figura, na Sessão de Encerramento do Congresso da «Mensagem de Fátima». Mais que ninguém, ele tem contribuído para que ràpidamente se divulgue na América a Mensagem da Virgem.

Estamos a lembrar a sua voz, tão melodiosamente entoada que os americanos chegam a dizer no seu peculiar humorismo: «se aparecesse dentro dum barril lendo a lista dos telefones, mesmo assim nos encantaria!»

O Papa tem postas as suas melhores esperanças no Catolicismo de Além-Atlântico.

A graça de Deus, operando através de Fulton Sheen e do excelente clero americano, fará com que a Cruz se levante sobre a América do Norte como símbolo de salvação, e não como o sinal mais — símbolo do Dólar.

FERNANDO MELRO

«— O Magnificat é um documento mais revolucionário do que o Manifesto de Marx. Nas palavras desse cântico antecipou-se Maria ao que o Seu Divino Filho proclamou: — «O Reino dos Céus sofreu violências e só os violentos o levarão àvante». O mundo será salvo pela revolução e a violência. Nisto, a Virgem e Marx concordam. Mas diferem profundamente noutra face da questão: Maria proclama que a violência deve vir de dentro e não de fora; as espadas devem ser apontadas para dentro e não para fora.... —»

(Do discurso de Mons. Fulton Sheen no Congresso de Fátima)

O LIVRO DO MÊS

Descristianização das Massas Proletárias(*)

— Centro de Estudos Sociais Godefroid Kurth

O facto da descristianização das grandes massas operárias é uma triste realidade para que, de há muito, olham todos os que se preocupam com o bem espiritual dos homens. Dada a importância do assunto e atendendo à preponderância que atingiu esta massa de homens no mundo de hoje, fácil se torna compreender por que razão este problema tem sido tratado tão frequentes vezes e sob os mais variados aspectos.

Disse Karl Marx que «o proletariado é a classe messiânica, chamada a ser libertadora da humanidade identificada com toda a verdade humana». Errou ao pensar que o proletariado substituiria a própria Igreja, mas previu bem a influência que esta classe possue nos nossos dias. Mais acertado viu Cardijn quando disse que era esta massa enorme com que a Igreja ou devia contar ou se devia enfrentar porque ela dirigiria os destinos do mundo.

Foi convencido desta realidade e com a esperança de lançar alguma luz mais sobre este assunto, que o Centro de Estudos Sociais Godefroid Kurth, depois de estudar em várias conferências a descristianização das massas e as suas causas, publicou um resumo dessas conferências num livro que aparece traduzido em português com o título: «Descristianização das Massas Proletárias».

Começa o livro por nos dar uma visão do estado religioso dos operários e por nos colocar diante do facto: as grandes massas proletárias abandonaram a Igreja.

Encara a seguir, como fazendo parte das causas da deserção, os grandes movimentos de emancipação da classe operária até ao comunismo, ou mais recentemente até às tentativas modernas de conciliação dos vários sistemas.

Acompanhando a história, apresenta-nos a evolução progressiva e normal dos movimentos filosófico-sociais do último século; e pondo-nos diante da situação deplorável dos trabalhadores há 100 e 50 anos, apresenta-nos quase como normal que eles se tenham afastado da Igreja. Faz-nos considerar entre outras coisas a atitude dos maus católicos, que pela sua conduta em desacordo com a justiça e a caridade do Evangelho, foram em grande escala os causadores da deserção. A Igreja, contudo, viu o problema e deu normas para que fosse solucionado. Os que se chamavam católicos é que não quiseram ouvir a voz dos Papas.

(*) Coimbra Editora, Limitada.

Ao lado da incompreensão dos católicos do tempo perante a questão social e do seu exagerado conservantismo, graves erros políticos em que os homens da Igreja enquanto tais estavam envolvidos, contribuiram ainda grandemente para que o movimento operário que era de revolução, desconfiasse da mesma Igreje e se afastasse dela.

Terão os relatores esgotado o assunto? Ele é tão complexo que isso seria quase impossível. É o presidente do centro que o confessa quando escreve: «a questão não foi tratada completamente. Entre as causas e os remédios, quantas omissões!» Contudo, grande contributo vêm prestar a uma questão que continuará a ser dos nossos dias.

Uma parte do livro é reservada ao estudo de alguns remédios. Para as causas de ordem religiosa são apontados remédios de ordem eclesiástica, e esses é que directamente nos interessam; para os de ordem política e social que também nos interessam, mas só indirectamente, algumas sugestões são igualmente feitas.

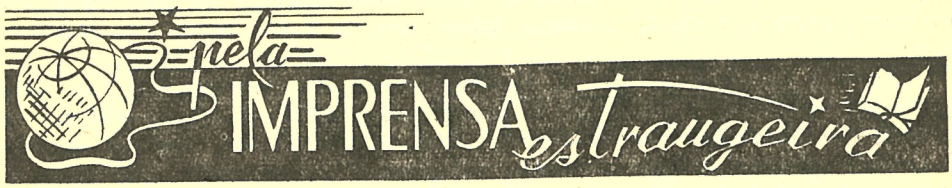
A solução não poderá vir nem só do clero, nem só dos leigos mas duns e doutros trabalhando no seu campo. O padre não poderá só por si realizar o retorno à Igreja das massas descristianizadas, mas tem de contar com os leigos agrupados na Acção Católica como Pio XI a entendia e a desejava.

Ao clero compete pela pregação e sobretudo pela Vida mostrar que a Igreja é uma sociedade de irmãos, onde não há rico nem pobre, patrão ou operário. Os mandamentos são os mesmos, os sacramentos iguais, a verdade uma só. Aos leigos, compete trabalhar no seu campo como católicos.

Como conclusão, escreve o Assistente dos trabalhos: «os membros do Centro fizeram o seu inquérito com todo o seu amor a Cristo Salvador. Senhores da sua fiel submissão, do seu amor filial à Igreja, não hesitaram em criticar o que lhes pareceu deficiente na acção dos seus membros», esta intenção de fazer o melhor e o trabalho que realizaram fará esquecer alguns exageros em que porventura tenham caido. É bem claro o desejo que manifestam de ver de novo na Igreja de Cristo essa massa enorme de operários que são sinceros e lógicos consigo mesmos.

Estamos convencidos de que muito aproveitará a leitura deste livro a todos os que se preocupam e dedicam aos problemas do apostolado. O que se diz dos operários pode aplicar-se em menor ou maior escala a outras massas de homens.

JOSÉ CARLOS S. SOUSA



Para além duma disputa

— J. Steignart S. J., Nouvelle Revue Theologique, Novembro de 1952.

Estão na ordem do dia os assuntos relativos à arte sacra.

A arte moderna, no seu movimento inovador apresenta características que ferem a sensibilidade dos contemporâneos, mesmo os de formação artística e gosto estético acima do vulgar.

Tenha-se em conta a controvérsia originada pelos ensaios da nova arquitectura e decoração moderna religiosa, realizados em França nas igrejas de Rouault, Assy e Vence...

A questão atingiu a sua culminância, quando o Bispo de Annecy ordenou a remoção do altar de Assy, do crucifixo de Germain Richier.

A perturbação apoderou-se então dos espíritos mais lúcidos e brilhantes, chegando mesmo o próprio Gabriel Marcel a tomar posição no debate.

Apesar de tudo, ainda não se chegou aos extremos verificados na Bélgica, em Lucyltagen — Vieux — Siense à volta de 1920, em que os cristãos escandalizados foram deitar imundícies nas estações da via-sacra de Albert Servaes...

Na presente controvérsia, como não podia deixar de ser, a autoridade eclesiástica teve que intervir. Em 30 de Junho de 1951 a Sagrada Congregação do St.º Ofício publicou uma instrução para os ordinários, relativa à arte sacra. Por sua vez, a Comissão Episcopal de Pastoral e Liturgia consultada sobre a questão, redigiu uma nota contendo alguns princípios orientadores. O texto foi aprovado pela Assembleia dos Cardiais e Arcebispos Franceses.

O P.e Steignart dá-nos um resumo dos dois documentos e pela sua análise procura encarar as questões debatidas e resolver alguns dos problemas levantados pela nova arte.

A Instrução da Sagrada Congregação do Santo Ofício

Fixa primeiramente a finalidade da arte sacra: mais do que elemento decorativo da Santuário, é um meio de auxílio para a oração, e veículo de instrução religiosa.

Portanto tal arte não pode ser abandonada só «às concepções individualistas do artista, mas sim subordinada às directrizes do Concílio de Trento, na XXV sessão (Denzinger, n.os 986-988) e à legislação sobre a matéria, que se encontra no Direito Canónico».

Logo, «na medida em que os artistas desenvolvem estas leis, nada há que se oponha à utilização da arte moderna nos edifícios e expressão dos ritos sagrados».

Donde se vê que as «formas da arquitectura moderna não são excluídas, mas transpostas do profano para o religioso».

Sempre que sejam «contribuição para fazer convergir a atenção para o altar-mor e sacrário, mediante uma combinação de linhas simples, excluindo todas as ornamentações de mau gosto», deverão ser aceites.

Quanto à arte figurativa — imagens pintadas ou esculpidas — não devem ser de modo a originar qualquer erro dogmático, e constituir atentado e ultraje ao decoro e santidade do lugar sagrado (canon 1279).

Também não se deve abusar da sua multiplicidade nos altares ou capelas laterais, transformando o templo numa exposição de estatuária.

Sempre que sejam contrárias a estes princípios ou insólitas, devem ser rejeitadas pelos Ordinários, que não permi-

tirão que sejam expostas nos santuários.

A Instrução apresenta depois algumas sugestões práticas para se evitarem os abusos.

Assim, os Ordinários deverão fazer com que nos Seminários os futuros padres adquiram uma educação artística em conformidade com as normas emanadas da Santa Sé; esforçar-se-ão por criar na sua diocese uma Comissão de Arte Sacra composta por homens competentes na arte e bons cristãos. A execução dos trabalhos será confiada a artistas, capazes de bem exprimirem a fé e piedade cristãs.

Os princípios orientadores do Episcopado Francês

Dirigem-se a todos os interessados pelos problemas da adaptação da arte moderna ao santuário.

Todo aquele que tenha possibilidades de contribuição para a beleza do lugar sagrado pode colaborar, esforçando-se porém os bispos para que se impregnem do espírito cristão.

As deformações impostas às formas jamais deverão chocar os fieis ou apresentar-se aos não artistas como indignas das pessoas ou mistérios representados. Os temas devem ficar ao alcance do povo simples, servindo-lhe de elemento de ensino e edificação.

Os críticos e escritores de modo algum estão inibidos de manifestar a sua opinião sobre as produções. Mas sempre que tal façam, devem manter-se dentro dos limites dum equilíbrio justo, sem se deixarem dominar pela sua rejeição instintiva de tudo o que seja novo ou incompreensível, não se esquecendo de que «uma obra de arte não pode ser julgada senão no seu lugar próprio, com a sua luz, sobretudo se a obra é decorativa».

Alguns problemas relacionados com a arte moderna

a) Poderá o artista não-cristão colaborar na edificação da casa de Deus?

Sendo a arte religiosa um verdadeiro ensino dogmático-moral, de modo nenhum pode ser abandonada às impressões subjectivas do artista, visto ultrapassar uma simples manifestação de beleza ou expressão de harmonia nas formas. Porque mensageira da doutrina revelada, a sua integridade e autenticidade necessàriamente têm que ser fiscalizadas.

A conclusão lógica parece ser que o artista não-cristão ou descrente não poderá exprimir de modo perfeito na sua obra «uma mensagem que reconhece e afirma ser para ele absolutamente ininteligível».

É porém dogma de fé que a adesão à verdade revelada é preparada por graças sobrenaturais que dispõem a alma para a sua aceitação.

Ora o artista não cristão, necessàriamente terá de meditar no mistério de que a sua obra será a reprodução. Não será tal atitude campo aberto à graça que trabalhará a sua alma?

Haverá na verdade, uma privação em todo o ser racional, do sentimento religioso?

Sendo embora o ideal entregar a execução das obras do Santuário a artistas cristãos, é contudo preferível, sob a orientação da Igreja, «confiar o trabalho a não católicos, mas genuinamente artistas, de preferência a católicos que o não sejam».

b) É condenável a deformação?

Enquanto a arte clássica se baseava na reprodução fiel e real, a nova arte caracteriza-se pela sua deformação.

Rejeita a terceira dimensão pelo desaparecimento dos planos, acentuação dos contornos, esbatimento das formas e predomínio da cor.

O espectador encontra-se assim mais em face das impressões e expressões subjectivas do artista que da objectividade real.

Não existem documentos do Magistério que se oponham à deformação. A Mediator Dei fixa apenas os limites em que tal deformação se deve situar. As deformações devem-se justificar no conjunto da obra e não serem ofensa à santidade do lugar.

Que pretendemos nós?

— «Interracial Review», Dez. 1952.

Precisamente no mais democrático dos países modernos surgem de vez em quando ofensas declaradas ao bom sen-

so e à igualdade fundamental de todos os homens. Um dos pontos onde mais nítida se torna a contradição é a célebre questão racial. A inferioridade social das populações de côr é uma chaga viva nos bons princípios da democracia americana.

Pois foi em nome desse ideal que se levantou uma campanha vigorosa a reivindicar absoluta igualdade de direitos. O maior apoio a tal campanha vem da Igreja Católica, que às razões humanas acrescenta a igualdade fundamental de todos nós, filhos do mesmo Pai que está nos céus e resgatados pelo mesmo Senhor Jesus Cristo.

Desenvolve intensa actividade o Catholic Interracial Council, cujo órgão oficial é a «Interracial Review», donde extraímos estes períodos vigorosos. Pertencem ao Pastor Archibald Carey, Senador de Chicago:

«Que deseja o negro americano? — A resposta será: nada, e em concreto, nada a menos e nada a mais.

Não queremos quaisquer encargos reservados especialmente para nós.

Não queremos casas especiais ou blocos residenciais para vivermos, nem unidades especiais nas forças armadas onde combatemos pela liberdade.

Não queremos sinais especiais de identificação ou regras particulares que regulem o nosso direito ao voto.

Não desejamos quaisquer privilégios para sermos colocados à frente dos outros mas t a m b é m não admitiremos quaisquer condições que nos mantenham na rectaguarda.

O que todos pretendemos é igual oportunidade em relação a todos os outros americanos — oportunidade de vivermos e de sermos promovidos, de combatermos pela nossa pátria e até de podermos aspirar a ser Presidente, como todo e qualquer cidadão americano.

Mais do que isso não pedimos nós, mas com menos nunca ficaremos contentes».

HUGO DE CARVALHO

PARA A SUA ESTANTE

Obras sobre Arte Sacra ...

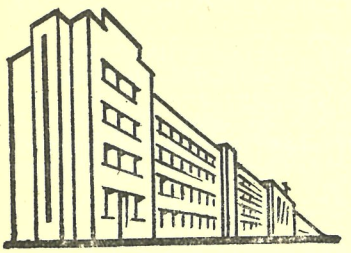
D. ROULIN — «*Nos Églises*», Paris, 1938. Obra que se tornou clássica para quantos constroem ou restauram igrejas. Todos os pormenores são considerados, desde o estilo do edifício até à forma dos cadeirais e candelabros.

D. ROULIN — «*Linges, Insignes et Vêtements Liturgiques*», Paris, P. Lethielleux. Um dos mais completos tratados sobre paramentos, estandartes, etc. segundo o espírito litúrgico e o bom gosto. Esplêndidas fotografias e modelos originais. Embora se possa discordar de alguma opinião pessoal do Autor, a obra tem valor incontestável e é uma autoridade no mundo da arte sacra.

MAURICE BRILLANT — «*L'Art Chétien en France au XX.e Siècle*», Paris, Bloud et Gay. Obra de divulgação mais que de crítica, dá a conhecer de maneira agradável as teorias, técnicas, Exposições, conjuntos de arte e grupos de artistas da França actual.

CARDEAL CEREJEIRA — «*Pastoral sobre a Arte Sacra*», Março de 1953. Na inauguração da nova igreja de S. João de Deus, Sua Eminência definiu com precisão e clareza os princípios e valores permanentes e modernos da arte sacra, situando a importância da tradição e das formas novas, na verdadeira linha de valores que devem ocupar.

C.



CRÓNICA

O clan X

Não se imagine, como o silêncio prolongado destas colunas poderia deixar supor, que tem estado inactivo. Reuniões e jogos de grande alcance educativo não têm faltado, sem falar já no que constitui a actividade permanente de todo o escuta consciente: Servir. *Este o lema dos caminheiros inscrito em grandes caracteres na fachada da nossa sede.*

Como factos de maior vulto ocorridos há alguns meses para cá, citarei a homenagem a S. Nuno organizada no dia do Santo, pela patrulha respectiva, a evocação patriótica no 1.º de Dezembro, a festa de S. João de Brito que constou dum saboroso «rescaldo» do Nacional, e por último a recente visita do Secretário Nacional, Rev.mo P. Manuel Ferreira da Silva.

Na sala da Academia

O trabalho «Os Apócrifos», que Eugénio dos Santos apresentou na última reunião, pôs em evidência, duma maneira directa, a função que atribuimos à Academia: completar o ensino-base que as aulas nos ministram, salientando as suas aplicações concretas.

De todos os aspectos interessantes que o orador focou, vincando em especial a importância e utilidade dos apócrifos e a sua influência no dogma e na arte, apenas tínhamos conhecimento do carácter de ingénua fantasia que revestem esses pretensos escritos dos Apóstolos, e isto mesmo ganhou novo colorido ao ser descrito com leveza e amenidade, em contraste com os moldes rígidos dos compêndios.

Da mesma ocasião o académico Neves Afonso relatou-nos, em breve apontamento, esse período trágico da história russa que marca o encerrar da era czarista e o começo do regime vermelho.

SECÇÃO DE FILOSOFIA — Noticio mais uma boa sessão, uma sessão atraente e variada que veio satisfazer as curiosidades mais recentes.

Alberto Simões falou do êxito alcançado em Paris pela peça «Jacob e o Anjo», João Canilho deu-nos a conhecer o autor de «Les Saints von en enfer» alvo das mais contraditórias apreciações e, em trabalho de fundo, António da Rocha Ferreira analisou uma tese célebre, cujos argumentos nós gostaríamos de dar a meditar a muita «cabecinha» moderna: «O primado da contemplação sobre a acção».

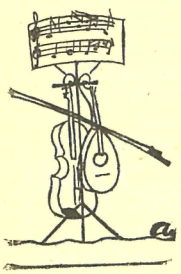
Foi ainda por iniciativa da Academia que veio falar-nos o Rev.mo

Padre Orlando Ferreira

O facto merece ser assinalado não só pelo interesse das informações que coligimos, através de curiosíssima monografia, sobre Alcântara, freguesia-tipo dos meios em que predomina a grande indústria, mas sobretudo pela força contagiosa desse ardor que se desprendeu das palavras do sacerdote zeloso que veio partilhar conosco as suas experiências.

Impossível encobrir a intensa gratidão que experimentamos por aqueles sacerdotes cujos depoimentos vêm ao encontro daquela nossa grande ansiedade que só aumenta à medida que a ordenação se aproxima, vêm alimentar os nossos sonhos, dar-lhes arrojo e altura.... e «a vida, segundo Vigny, é um sonho da juventude realizado na idade madura».

Confrontando .....



O S. P. José Viçoso Freire, demonstrando mais uma vez o seu zelo infatigável em prol da nossa valorização artística, proporcionou - nos agradável recital preenchido com música religiosa de há meio século.

Os lugares na regência, no canto e na orquestra foram ocupados por alguns dos nossos colegas, que não deixaram mal colocado o mestre que os industriou.

Verificámos, mais uma vez, como o exagerado romantismo e a espectaculosidade teatral dessas composições estão em manifesta incompatibilidade com o ambiente grave e austero que convém à Casa de Deus onde eram executadas.

Embora falhem como música sacra, estas partituras não deixam de ser agradáveis de se ouvir em qualquer outro ambiente de menores exigências. Assim o «O Salutaris» de Carlos Araújo e o «Tantum Ergo» de José Cândido arrancaram prolongados aplausos.

O Círculo Missionário .....

....não esmorece na sua decisão de nos incutir um grande interesse pelas missões.

Na última sessão estudou-se o funcionamento da obra pontifícia de S. Pedro Apóstolo.

Foram também sorteados alguns prémios entre os seminaristas mais esforçados na divulgação do calendário editado por Cucujães.

A venda dos ditos atingiu, só entre nós, o lindo número de 1280...

O mais sábio dos santos

Insistir no carácter imorredoiro da doutrina do Doutor Angélico é já lugar comum entre nós. A sua figura, que não se confina ao Séc. XIII, projecta-se pelos tempos fora e chega até nós com a mesma mensagem de verdade e a mesmíssima lição inconfundível de equilíbrio. Mais, é sobretudo no nosso século, no século do existencialismo, que os pensadores precisam de escutar S. Tomás para recobrarem a confiança na razão de cujas possibilidades sistemàticamente descrêem.

Foi este um dos aspectos a que o Rev.mo Dr. José Paulo Nunes deu acento especial, numa conferência pronunciada no dia do Santo, durante a sessão que em sua honra o Seminário promoveu.

O orador, em exórdio feliz, esboçou um confronto entre duas figuras máximas do Séc. XIII: S. Tomás e S. Francisco de Assis: um, pregoeiro da razão e da ciência, o outro arauto da sensibilidade e da poesia. Só depois fez uma análise minuciosa e exaustiva do duplo contributo de S. Tomás como filósofo e como teólogo.

Concorreram para o brilho da sessão a Polifonia, que cantou o «Angelus» de Rossini e o «Salmo 150» de César Frank, e a Secção Académica de Filosofia levando à cena a peça «Alma de S. Alberto Magno» de Claude Juste, tradução e adaptação do Rev.mo P. José Honorato Rosa.

Festa da Imprensa

Impõe-se uma já longa tradição, sinal de que temos compreendido toda a acuidade do problema.

Convidou a Academia para nos falar Fr. Diogo Crespo, que começou por apontar a Imprensa como dos instrumentos humanos o que hoje se nos apresenta de maior penetração no transmitir da mensagem de Cristo.

Depois de outras considerações, expôs-nos o pensamento dominante que presidiu à criação da «Flama»: servir não «igrejinhas» mas a Igreja, Católica e universalista.

Seguiu-se um agradável recital de poesia pelo jóvem declamador Francisco Morgado que, de tão pouca idade, demonstrou possuir já notável poder de expressão.

A Polifonia cantou «Periti autem» de Mendelsson e «Tambor» de Ramau.

A. TAVARES

TRANSPORTES SIMÕES

Telefones { 5 4012 / 5 1594

José Simões

Transporte para qualquer parte do País

Rua Pascoal de Melo, 58—LISBOA

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

A firma:

JOÃO ALMEIDA SANTOS

da Covilhã

especializada em artigos próprios para o Exmo. Clero, lembra a V.ª Rev.ª a conveniencia em consultar os seus preços e qualidades.

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia

O melhor que se produz e se prepara, é o que vende

A Mariazinha

Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas

Lisboa

Rua Barros Queiroz, 28

Porto

Rua de Santo Ildefonso, 415

SOCIEDADE POLLUX, L.da

Grandes descontos para revenda

Quinquilharias, Bijouterias, Cutelarias, Brinquedos, Novidades Nacionais e Estrangeiras.

132, 1.º, Rua da Palma, 138

Tele. { fone: 22293 / 23668 — **LISBOA** / gramas Pollux

SOCIEDADE EDITORA

ALA ESQUERDA L.DA

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Telefone. 268 — BEJA — Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação



Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
E CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA Fânzeres
Oficinas de Imagens, Pinturas, Douramentos, Altares, Tribunas, etc.
Restauros, Telas, Cetins e Estandartes
ARTIGOS DE METAL
Rua do Souto, 134 — BRAGA
Tel. 2704

Livraria e Papelaria Moderna
Machado & Ribeiro, L.da
Livraria Católica Portuense
LARGO DOS LOIOS, 50 — PORTO — TELEFONE, 2 5156
Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos
Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00—História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00=Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00 Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr António Ferreira Pinto, 10$00—Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00—Manual das Noviças, 16$00
Material Escolar
Peçam catálogos indicando o género de livros



DESCONTOS AO REV.^do CLERO

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 125 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

TOSSE ?



HORAS CALMAS

COM

BENZO-DIACOL